

APRESENTAÇÃO

Ana Elisa de Castro **Freitas**¹

O dossiê *Imagem e Descolonização – imaginários plurais em movimento – Parte II* dá continuidade a um projeto editorial motivado pelo desafio de promover uma interface criativa dos estudos da imagem com as perspectivas descoloniais ou decoloniais. Inspirada na potência desestabilizadora das ideias imagem em movimento (Aby Warburg) e imagem dialética (Walter Benjamin), a parte II do dossiê assume o desafio de ampliar e aprofundar o horizonte crítico de desconstrução da normatividade monológica da modernidade e da hegonormatividade patriarcal do colonialismo com as linhas que brotam do encontro entre mito e história, arte e política, cultura e natureza, tradição e contemporaneidade, diversidade e subjetividade, autoria e assinatura crítica de obras de arte. Desse horizonte emergem asas para instigantes vôos interpretativos, potencializando outros arranjos narrativos acerca de fenômenos complexos, contemporâneos e plurais.

Com essa motivação, a parte II do dossiê reúne uma constelação de textos e imagens que aguçam a sensibilidade à diferença e à diversidade, oportunizando deslocamentos epistemológicos em diferentes escalas.

Estamos na segunda década do século XXI - e a arte está na desordem do dia. É tempo de Makunaima revolver as poeiras modernas e instaurar o instante. Com seu vibrante “MAKUNAÍMA, O MEU AVÔ EM MIM!”, Jaider Esbell evoca em primeira pessoa as imagens fabulosas do universo onírico legado por seu avô, expandindo o horizonte da arte indígena contemporânea e demarcando a criação artística como espinha dorsal do dossiê. As páginas da revista são então paredes de uma galeria de arte em movimento. A poética ameríndia transgênera desacomoda a estética moderna e colonial com a potência das suas intimações. Do caldo de dissolução do tempo, Jaider Makunaima remove cuidadosamente “os olhos penosos do mundo e os direciona para a natureza”, como um “guerreiro do inconformismo”, revelando “aos donos de cada coisa a alma-espírito de cada coisa”. Com ele, “voltamos a entrar pelas mesmas portas abertas, as veias abertas no mundo dos desconhecidos”. Numa profusão de mitos, cores e imagens Makunaíma nos reanima de “curiosidade para chamar à memória”, “movimento para ir além”, “magia e outros espetáculos”.

¹ Atelier Planta Baja; Universidade Federal do Paraná, Brasil.

Na sequência, reencontramos com Jaider Esbell na etnografia de João Francisco Kleba Lisboa, intitulada “ENTRE ARMADILHAS E ATALHOS: acadêmicos e artistas indígenas no contexto interétnico de Roraima”. O autor revela o esforço cotidiano desses sujeitos para desfazer os traços imperiosos das imagens indígenas congeladas pelo discurso colonial, construindo “imagens contra-coloniais” que “remetem à noção benjaminiana de uma história ‘a contrapelo’”. Nesse processo, reindigenizam o espaço urbano, ocupam com destaque o meio universitário, exercendo novos papéis, sobretudo o de “mediadores interculturais”.

Deixamos Roraima e seguimos navegando com Agenor Sarraf Pacheco através de sua “CARTOGRAFIA & FOTOETNOGRAFIA DAS ÁGUAS: modos de vida e de luta na Amazônia Marajoara”. Aproximando antropologia e história, o autor assume o desafio de cartografar narrativas escritas, imagéticas e orais de populações marajoaras de matrizes afroindígenas, revelando repertórios de saberes e práticas Marajós através de um cruzamento entre documentos históricos, crônicas de viagem, etnografias e fotografias do arquipélago.

A seguir, Ana Carolina Estrela da Costa nos convida a reexaminar o campo das produções cinematográficas entre ameríndios com seu texto “CONTINUIDADES, RUPTURAS, DESDOBRAMENTOS: conexões entre cinema indígena, pensamento e xamanismo”. A autora chama a atenção para os limites da linguagem cinematográfica frente ao desafio de produzir e descrever narrativas relacionadas à experiência sensível dos universos xamânicos ameríndios.

Ainda sobre imagens animadas, Rodrigo Lacerda nos propõe uma inversão de perspectivas com o texto “O PLANO, O CONTRAPLANO E O ‘PLANO SEM PLANO’: imagens ocidentais e Mbya Guarani das ruínas de São Miguel”. O autor analisa um conjunto heteróclito de produções imagéticas sobre as Missões Jesuítico-Guarani, focalizando ora o “plano” visual do poder colonial, centrado em imagens potencialmente edificadoras de uma ideia de Nação e subtraídas do patrimônio missioneiro, ora o “contraplano” apresentado por cineastas Mbya Guarani nos seus filmes autorais em São Miguel das Missões, para então transpor o dualismo entre imagens indígenas e coloniais naquilo que denomina o “plano sem plano” – onde cinema e patrimônio encontram “ressonâncias produtivas” nos modos de ser e conhecer o cosmo Mbyá Guarani.

A seguir, a cidade entra em cena com o texto “PLANEJAMENTO URBANO EM GOIÂNIA: a câmera participante e um estudo pelas margens”, de Pedro Henrique

Baima Paiva. Com sua “câmera participante”, o autor revisita a construção de Brasília a partir de Goiânia, revelada em imagens da Ocupação Jardim Botânico - conjunto habitacional que abrigou famílias atraídas para a construção de Brasília. Ativando imagens da construção, Pedro Paiva faz suspeitar que a duração dessa memória talvez resida na relação que as pessoas mantêm com o lugar.

Bruna Triana focaliza “COLONIALISMO E IMAGEM: memória e(m) contestação nas fotografias de Ricardo Rangel”, tecendo um belo diálogo entre as reflexões de Achille Mbembe e a obra fotográfica do moçambicano Ricardo Rangel (1924-2009). Partindo da crítica de Mbembe às ideias de escravidão, colonialismo e *apartheid*, a autora evoca as categorias de experiência e narração em Walter Benjamin e de memória política em João Paulo Borges Coelho para pensar as fotografias de Rangel como “fragmentos do passado”, potencialmente capazes de lançar luzes sobre o presente conflituoso de Moçambique.

Para pensar cidades plurais, Jesus Marmanillo Pereira propõe “DESCOLONIZAR O URBANO PARA VER O “OUTRO”: ideologias, imagens e a invisibilidade indígena nas cidades médias”. O autor parte da premissa de que a ideia de urbano necessita ser revista criticamente para que possamos romper a invisibilidade imposta às alteridades indígenas nas cidades brasileiras contemporâneas. Para tanto, promove um cruzamento entre fotografias, notas de campo, dados censitários, vídeos, reportagens e a literatura especializada.

Seguimos com Antônio Filogênio de Paula Junior, Cesar Romero Amaral Vieira, Márcia Cristina Américo e Viviane Marinho Luiz e sua pesquisa intitulada “EXUMAÇÃO DA HISTÓRIA: a tradição oral em pesquisas com relatos de experiência quilombola”. A partir de um estudo fundamentado na história oral, os autores focalizam tradição, transmissão e educação na comunidade quilombola do Vale do Ribeira (SP) para compreender o papel do projeto político-educacional do Quilombo Ivaporunduva frente ao desafio de permanência histórica do grupo.

A narrativa prossegue com Kando Fukushima e Marilda Lopes Pinheiro Queluz pelas ruas de São Paulo e Curitiba para pensar “NAS MARGENS DAS RUAS: cartazes como vozes de contestação”. Os autores aportam a perspectiva decolonial para avançar na análise dos conteúdos contestatórios e propostas contra-hegemônicas que tomam as ruas das cidades através dos cartazes e das intervenções urbanas.

A seguir, Gabriel Alvarez nos desloca para a Sierra Mazateca, entre os estados de Oaxaca, Puebla y Veracruz, México, com o desafio de compreender e traduzir a tradição Mazateca por meio da análise de rituais e performances. Seu artigo intitulado “ANTROPOLOGÍA VISUAL, PERFORMANCES Y HERMENÉUTICA. Experiencia de ver, escuchar y participar en Huautla de Jimenez, (Oaxaca, México)”, focaliza a antropologia visual enquanto estratégia metodológica de observação participante no trabalho de campo, focalizando as performances como meios de atualização das tradições e a antropologia compartilhada como prática de tradução cultural.

Finalizamos a sessão de artigos com o texto de Amanda Areias, Ingrid Hötte Ambrogi e Mateus Henrique Rodrigues Teixeira, intitulado “FUNK BREGA E FUNK OSTENTAÇÃO: concepções de identidade, gênero e consumo na obra imagética de Bárbara Wagner”. O artigo focaliza duas obras de Bárbara Wagner expostas na 32ª Bienal de São Paulo para compreender tensões entre realidade e ficção, documento e obra de arte, jogos de identidade, gênero e consumo da “cena funk brega e funk ostentação” em Recife.

A seguir, brindamos a Iluminuras com uma sessão temática experimental intitulada *Arte-Palavra - Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, apresentando quatro ensaios de artistas convidados e um texto inédito do historiador da arte Gaudêncio Fidelis, curador da *Queermuseu*. A sessão tem caráter de manifesto e busca simular, no âmbito do dossiê, um espaço expositivo que recepciona e confere voz a um conjunto de obras e artistas que integram a vultuosa exposição, censurada e fechada prematuramente no Santader Cultural, em agosto de 2017, em Porto Alegre. Oportunamente, a revista vem à luz poucos dias antes da reabertura da *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira* no Parque Lage, Rio de Janeiro, um fato extraordinário, onde as obras retratadas no dossiê poderão ser apreciadas diretamente. Na sessão *Arte-Palavra*, Didonet Thomaz, Ana Norogrande, Gilda Vogt e Antônio Augusto Bueno produzem narrativas livres sobre suas criações artísticas, convertendo as páginas do dossiê num potente atelier, dissipando a poeira da censura e removendo as sombras degradantes das narrativas coloniais que incidiram sobre sua exposição. A densidade da experiência *Queer* é restaurada pelos “dramas de solidão” (Didonet Thomaz), pela “humanidade e desespero” (Ana Norogrande), pelo necessário “novo estranhamento” frente ao *outro* (Gilda Vogt), pela estranha beleza que há “no seco, no murcho, no que está se decompondo” (Antonio Augusto Bueno). O curador Gaudêncio Fidelis encerra a

sessão com o instigante “QUEERMUSEU e o enfrentamento do fascismo e do fundamentalismo no Brasil em defesa da livre produção de conhecimento”. O autor analisa o processo de censura e fechamento da *Queermuseu* cujo “plano de ataque” envolveu a difamação de obras de arte, tratadas como “puras imagens” editadas, descontextualizadas e disseminadas pelas redes sociais. Para ele, as imagens recortadas de obras de artistas como Antônio Obá, Adriana Varejão, Bia Leite, converteram-se em “dispositivos capazes de praticar pedofilia, incitar vilipêndio ou transformar-se em outra natureza que não corresponde mais à sua, tais como a pornografia”.

Logo a seguir, temos a sessão de Relatos com o texto do curador Clay D’Paula, que focaliza “A EXPOSIÇÃO ‘O TEMPO DOS SONHOS’ E A ARTE DOS ARTISTAS ABORÍGENES DA AUSTRÁLIA. O autor revela obras, artistas e personagens que marcaram a potente produção artística aborígine australiana e seu deslocamento para espaços de arte contemporânea através do mundo.

Na sequência, assino o relato “TRAÇO: PULSO PRIMORDIAL - imagens em movimento entre cavernas e galerias”, junto aos co-autores Antônio Augusto Bueno e Jaciele Nyg Kuitá Fidelis. No ensaio, narramos o encontro com imagens rupestres milenares, impressas nas paredes de abrigos de pedra nos Campos Gerais do Paraná, seu deslocamento através de espaços de arte contemporânea, o enlace inusitado com gravuras dispersas sobre uma mesa no atelier Jabutipê, em Porto Alegre, e a viagem que empreendemos juntos – artistas, pesquisadores, imagens e obras - para nos reinventarmos nas paredes da galeria de arte Grafatório, em Londrina.

O Ensaio Fotográfico “TRANSFORMAÇÕES PELO RIO TROMBETAS: transições socioespaciais por meio da mineração no Baixo Amazonas”, assinado por Nádile Juliane Costa de Castro, traz um conjunto de nove fotografias e textos que perpassam os anos de 1970 a 2017, retratando mudanças espaciais e sociais através de uma pesquisa etnográfica realizada no município de Oriximiná, oeste do estado do Pará.

Na sequência, Sophia Ferreira Pinheiro trás uma “ENTREVISTA COM ANA CARVALHO E VINCENT CARELLI: Vídeo Nas Aldeias na 32ª Bienal de Arte de São Paulo”, nos aproximando das intimações que diluem fronteiras entre a produção no campo da antropologia da visual e da imagem a partir de seu ingresso nos espaços expositivos de arte contemporânea.

Por fim, o espaço dedicado às Resenhas é ocupado com quatro assinaturas: Nicole Kunze Rigon traz “Cidade palco das transformações”, focalizando a obra de

Antonio Arantes intitulada Paisagens Paulistas: transformações do espaço público (Editora da Unicamp, 2000); Felipe da Silva Rodrigues apresenta o documentário etnográfico “Poeira do Tempo - memória coletiva e figurinos do imaginário gaúcho”; Ana Patrícia Barbosa propõem uma “RESENHA DO BLOG: Bondy Blog” e Marina Bordin Barbosa nos brinda com “OCUPAR E RESISTIR: NARRATIVAS VISUAIS DAS OCUPAÇÕES DE 2016”, num convite a continuar a viagem através das obras resenhadas.

Ao finalizar a organização dessa segunda parte do dossiê, quero agradecer a todos aqueles e aquelas que aceitaram o desafio de contribuir com textos inéditos e autorais convidados para essa edição e, muito especialmente, a Cornélia Eckert e a Alice Jung, pelo competente trabalho editorial.